

Dossiê

História cultural das cidades: múltiplas abordagens

DOI: 10.12957/irei.2024.88126

Carlos Eduardo Pinto de Pinto¹

O dossiê reúne artigos que tomam as cidades como objetos de pesquisas embasadas pelo arcabouço teórico da História Cultural. Tal perspectiva foi iniciada nos anos 1960, pela Nova História Urbana e pela História da Arte, apontando alternativas às correntes de pensamento que equacionavam as cidades a processos de urbanização (dimensões, formas, funcionalidades). Títulos como *Carne e pedra*, de Richard Sennet (2008) e *História da arte como história da cidade*, de Giulio Carlo Argan (1992) compreendem as urbes como objetos singulares, centros geradores de cultura e subjetividade por meio de redes simbólicas situadas “muito além do espaço”, conforme definição inspirada de Sandra Jatahy Pesavento (1995, p. 279). Sem deixar de lado sua materialidade, abordam a urbe como centro gerador de cooperação (Fabris, 2000), possibilitando a emergência de novas noções de tempo e espaço que, por sua vez, se convertem em mudanças estruturais.

Na América Latina, desde a década de 1970 vem se desenvolvendo enfoques semelhantes, ainda que busquem compreender a singularidade das urbes latino-americanas e sua “modernidade periférica” (Sarlo, 2010). Interpretam as cidades como acúmulo e tensão de ideias manifestas no urbanismo e na arquitetura, por certo, mas também na literatura, na fotografia, no cinema e nas artes, entre outros campos. No Brasil, a partir dos anos 1980, estudos regionais apresentaram resultados sobre Salvador, São Paulo, Porto Alegre e Rio de Janeiro (Pesavento, 1995), com destaque para a *Revista Rio de Janeiro*, criada na UERJ em 1985 (Forum, 2024). Hoje, se multiplicaram os objetos e os enfoques, com uma seleção variada de urbes, recortes cronológicos e aspectos a serem analisados, como cultura urbana, relações de poder, sociabilidades, identidades – como demonstra a obra *História urbana: memória, cultura e sociedade* (Sanglard; Araújo; Siqueira, 2013).

¹Doutor em História pela UFF e Professor Associado do Departamento de História do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas (IFCH-UERJ). E-mail: dudachacon@gmail.com.

Tal multiplicidade pode ser igualmente percebida neste dossiê, que agrega artigos sobre Rio de Janeiro, Diamantina, Pequim, Praga e Paris na literatura, nas artes plásticas e no cinema, entre os séculos XIX e XXI.

Antonio Edmilson Martins Rodrigues revisita a obra de João do Rio, interessado nos últimos artigos da coluna *Bilhete*, do jornal A Pátria, inclusive aquele publicado no dia de sua morte. Em resposta a uma campanha difamatória encabeçada por Antonio Torres, João do Rio avalia a *performance* político-literária de seus detratores – também um modo de mapear algumas das sociabilidades cariocas do início do século XX –, enquanto traça o próprio perfil, uma estratégia de autodefesa. A campanha não pararia após a morte de João do Rio – historiador-pedestre, literato-psicólogo, do poeta-etnógrafo, entre outras formas como o autor o nomeia –, desdobrando-se no livro que Inaldo Neves-Manta publica em 1926, estudo supostamente científico e radicalmente preconceituoso em relação à homossexualidade, eficiente em manchar e apagar a memória do escritor. Mesmo vitoriosos por aproximadamente 50 anos, tais esforços não conseguiram impedir que a posteridade se encontrasse com João do Rio e seu método crítico para conhecer a cidade, que Antonio Edmilson tão bem difunde e pratica.

Com recorte cronológico e objeto de estudo próximos ao de Antonio Edmilson, Thiago Campos da Silva investiga a *Belle Époque* carioca por meio da trajetória e da obra de um pintor negro, João Timotheo da Costa (1879-1932). Interessado nas práticas sociais do artista e no modo como conferia sentidos ao cotidiano da capital da República, acompanha sua experimentação artística entre 1890 e 1930, analisando as obras *Reflexos do sol em morro do Rio de Janeiro*, de 1909; *Paisagem*, de 1910; e uma tela sem título, de 1927. A trajetória do artista possibilita repensar a modernidade brasileira por meio das agências e visualidades negras no pós-abolição.

Ainda tratando do campo das artes no Rio de Janeiro, o texto de Leila Cristina Gibin Coutinho se dedica a escrutinar as redes de sociabilidade de artistas franceses no Rio de Janeiro, com o objetivo de compreender sua dinâmica social e comercial a partir do levantamento dos locais em que atuavam, entre a década de 1830 e os últimos anos do Império. Ancorada no conceito de capitalidade e mobilizando as ferramentas da prosopografia, identifica a singularidade da Corte perante as demais cidades do Império, ao traçar as experiências coletivas dos artistas e seus tipos de clientela. Nesse sentido, percebe que as locações de edifícios podem significar a busca por sucesso financeiro, ao escolherem regiões com uma clientela abastada, ou, em movimento contrário, a assunção do malogro, ao buscarem lugares menos valorizados. Independentemente de onde estivessem localizados, sua produção pictórica apresenta, com frequência, interesse pela singularidade de uma urbe nos trópicos, com as marcas visuais de uma sociedade escravista.

Vitória Azevedo Fonseca e Andreza Conceição Souza abordam o diário de Helena Morley, *Minha vida de menina* (1942), e sua utilização em um roteiro histórico turístico intitulado *Castelos de Helena*. O material integra o projeto *Histórias em Redes*, que propõe a criação de narrativas percorriáveis no espaço urbano de Diamantina (MG), com

referências expandidas acessadas por dispositivos móveis. Além de apresentar o projeto, as autoras refletem sobre seu impacto didático, ao propiciar o deslocamento do corpo de quem aprende em uma experiência “turística”, que suspende a lógica urbana cotidiana, associando espaços físicos a suas dimensões temporais.

Encerrando o Dossiê, o artigo de Vinícius Alexandre Rocha Piassi trata da representação urbana pela linguagem cinematográfica, tomada como agência, tanto de quem registra as imagens como de quem constrói a narrativa por meio da montagem. O seu texto parte da análise fílmica de *No Intenso Agora*, documentário lançado em 2017 por João Moreira Salles, abordando a figuração do espaço urbano de Pequim, Praga e Paris, cidades em que ocorreram levantes no final da década de 1960 e cujos registros, em variadas imagens de arquivo, são escrutinados pelo filme. O autor mobiliza categorias como paisagem, atmosfera afetiva e janela, pensando o documentário como um atlas cinematográfico de eventos políticos ocorridos no final da década de 1960, por meio de uma fatura que toma as imagens urbanas como chaves interpretativas para a construção de sua narrativa.

Referências

- ARGAN, Giulio Carlo. (1992). *História da arte como história da cidade*. São Paulo: Martins Fontes.
- FABRIS, Annateresa. (2000). *Fragmentos urbanos: representações culturais*. São Paulo: Studio Nobel.
- FORUM do Rio de Janeiro. (s.d.). *Revista Rio de Janeiro – Fase I*. Rio de Janeiro: UERJ. Disponível em: https://www.forumrio.uerj.br/publicacoes_fase1.htm. Acesso em: 2 out. 2024.
- PESAVENTO, Sandra Jatahy. (1995). Muito além do espaço: por uma história cultural do urbano. *Estudos Históricos*. Rio de Janeiro, vol. 8, n. 16.
- SANGLARD, Gisele; ARAÚJO, Carlos Eduardo Moreira de; SIQUEIRA, José Jorge (orgs.). (2013). *História urbana: memória, cultura e sociedade*. Rio de Janeiro: FGV.
- SARLO, Beatriz. (2010). *Modernidade periférica: Buenos Aires 1920 e 1930*. São Paulo: Cosacnaify.
- SENNET, Richard. (2008). *Carne e pedra: o corpo e a cidade na civilização ocidental*. Rio de Janeiro: Bestbolso.

Recebido em
outubro de 2024

Aprovado em
outubro de 2024